

Revisitando as *Ciladas das Diferenças* *Reviewing the "Ciladas das Diferenças"*

Pedro Paulo Martins de Oliveira*

Resumo: Este ensaio revisita uma pesquisa cujos resultados foram publicados em 1999 por Antônio Flávio Pierucci no livro *As ciladas da diferença*, uma publicação que se tornou relevante para a biografia acadêmica do autor do presente artigo.

Palavras chave: Antônio Flávio Pierucci; *As ciladas da diferença*.

Abstract: This essay looks back to a research project whose details were published in 1999 by Antônio Flávio Pierucci in the book *As ciladas da diferença*. The publication turned out to be crucial for academic biography of the author of this article.

Keywords: Antônio Flávio Pierucci; *As ciladas da diferença*.

Todos os nossos grandes mestres e precursores acabaram por se deter, e não é com o gesto mais nobre e gracioso que o cansaço se detém: também comigo e contigo será assim! Mas que importa isso a mim e a ti?! Outros pássaros voarão mais longe! [...] E para onde queremos ir? Queremos passar além do mar? Para onde nos arrasta esse poderoso apetite, que para nós vale mais do que qualquer prazer? Mas por que precisamente nessa direção, para lá onde até agora todos os sóis da humanidade declinaram? Talvez um dia dirão de nós, que também nós, navegando para o Ocidente, esperávamos alcançar umas Índias – mas que nosso destino era naufragar no infinito? Ou, meus irmãos? Ou?

Nietzsche (Aurora)

Introdução

Há um ano, em sua residência, na cidade de São Paulo, falecia, de modo inesperado, o sociólogo paulista Antônio Flávio Pierucci. Mais conhecido pelos

* Orientado pelo Prof. Antônio Flávio Pierucci no doutorado, atualmente professor no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS, na UFRJ.

seus estudos acerca da religião, ele havia publicado, em 1999, um livro que destoava de suas preocupações mais comuns até então. Sob o título *As ciladas da diferença*², o conjunto de artigos que o compunha era o resultado de uma pesquisa que teve para mim uma relevância pessoal fundamental, pois foi durante seu desenvolvimento que entrei em contato com o Flávio. Na época, em 1996, eu preparava o meu retorno ao campus, objetivando o ingresso no curso de pós-graduação. Depois de finalizada minha graduação em Ciências Sociais na USP, fiquei 5 anos afastado da vida universitária e preparava um projeto de estudos acadêmicos em torno do tema da religião e, naturalmente, procurei o professor Pierucci para ver a possibilidade de ser por ele orientado.

Nossos contatos iniciais foram marcados pelo mútuo interesse e, após alguns encontros, ele me sugeriu participar de sua então pesquisa em curso sobre as diferenças. O único problema era que, ao integrar o grupo de alunos que ele selecionava, eu deveria investigar assuntos ligados à temática dos estudos de gênero. Para resumir a história, tal “acidente de percurso” seria o germe da minha tese de doutorado que foi publicada sob o título de *A construção social da masculinidade*, oito anos depois deste contato inicial.

Neste breve artigo, pretendo revisitar os resultados daquela pesquisa de forma a prestar uma homenagem a ele. É um modo de estabelecer um diálogo com um texto que marcou tanto a mim quanto a ele, pois ele representa diferentes pontos de inflexão em nossas vidas, em nossos trajetos. Relendo-o hoje, não posso deixar de perceber o quanto mudei, e imagino que alguns dos apontamentos críticos que aqui faço seriam compartilhados por ele, pois em nossas últimas conversas, penso que ele também operou diferenças significativas em sua forma de abordar os temas que se cristalizaram naquelas *Ciladas*.

Antes de tudo, é importante destacar que o conjunto de artigos que o compõem pode ser visto como a própria expressão das mudanças, dos desvios perspectivistas que Pierucci adotou ao avançar no tratamento do tema. É como se a passagem do tempo transformasse em sombra formas anteriores de visões sobre a diferença. Percebemos isto ao ler o texto. Vemos a mudança, a variação de tratamento agindo durante a elaboração dos artigos. Mas como? Por que, então, não excluir tais diferenças de tratamento e recolher uma visão mais integrada, consolidada, unívoca sobre o assunto? Ora, e por que não? Não há porque negar a importância das diferentes sombras que se acumulam em nosso passado, em nossa trajetória. Ziguezagueando errante, desdobrando temporalidades possíveis. Sombras que eram harmonias passageiras, lagos em que se recolhiam rios de felicidade, nos quais eles

² Pierucci, Antônio Flávio: *As ciladas da diferença*.

não se detinham, pois apenas preparavam outras perspectivas, outras variações de tratamento, atividades renovadoras que brilhavam exatamente porque as anteriores se transformavam em sombras³. Talvez mesmo em razão disto! Não é das sombrias trevas de madrugadas calmas que emergem as claras e estivais auroras? E desde que se enunciou o Rig-Veda, sabemos que *há infinitas auroras que não brilharam ainda!* É com este espírito que agora revisito estas *ciladas*.

Cuidado com as diferenças: elas podem nos fazer esquecer a Igualdade!

Em seu primeiro capítulo, com título homônimo ao livro, Pierucci apresenta a causa dos perigos que envolvem o enaltecimento das diferenças na agenda pública dos movimentos sociais que vicejavam naquelas últimas décadas, notadamente no movimento feminista. O aviso que o artigo de abertura explicita é inequívoco, bastante simples e evidente: cuidado com a diferença! Ela vem da direita!

A certeza de que os seres humanos não são iguais porque não nascem iguais e portanto não podem ser tratados como iguais, quem primeiro a professou e apregou nos tempos modernos foi a direita. Para ser historiograficamente mais exato, foi a ultradireita do final do século XVIII e primeiras décadas do XIX, aliás a primeira direita a surgir na história, em reação à Revolução Francesa, ao ideal republicano de igualdade e fraternidade e a tudo de universalismo e igualitarismo havia no movimento das ideias filosóficas do século XVIII.⁴

O homem universal e seus direitos formulados tão ao gosto dos revolucionários franceses, entusiastas da liberdade, igualdade e fraternidade, era fruto de uma abstração condenada pela direita, uma vez que “o homem universal é o resultado histórico de um desnudamento: ele surge historicamente quando despojado do valor de suas diferenças culturais”⁵. Ao reivindicar a ideia da diferença como algo inelutável, os racismos de todos os naipes fazem o movimento que lhes é peculiar: rejeitam todos os diferentes considerados por ele inassimiláveis, abominam todas as diferenças que fogem ao padrão consagrado como aquilo que é normal e que está espelhado em suas próprias faces: “o racismo é interpretado apenas como recusa, incapacidade ou impossibilidade de aceitar o outro, o diferente, o não-semelhante, o não idêntico”⁶.

³ Uso aqui imagens sugeridas por Gabriel Tarde, apólogo das heterodoxias, das variações universais. Cf. TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*, p.137.

⁴ Pierucci, Antônio Flávio: *As ciladas da diferença*, p.19.

⁵ *Ibid.*, p.21.

⁶ *Ibid.*, p.25.

Os racismos e chauvinismos de todos os tipos e graus [podem ser vistos] como celebração da certeza das diferenças e, daí sim, como prescrição da urgência de sublinhar as diferenças para manter a distância. [...] O racista vê o mundo dos humanos sob a ótica privilegiada da diferença, melhor dizendo, pondo em foco a diferença. [...] o racismo não é primeiro rejeição da diferença, mas obsessão com a diferença, seja ela constatável, ou apenas suposta, imaginada, atribuída. [...] *A rejeição da diferença vem depois da afirmação enfática da diferença.*⁷

Essas ideias, sustentadas pela direita racista, chauvinista, conservadora, fazem eco junto às ideias de senso comum, pois “isto é o que todo mundo já sabe desde sempre, não choca ouvido algum, apenas confirma o já sabido e, pior ainda, legítima que a diferença seja enfocada e as distâncias, alargadas”⁸. É por esta razão que, “se é para alguém de esquerda abraçar a diferença, que o faça sem abrir mão da igualdade”, tarefa nada simples segundo o autor, pois caberá ao intelectual de esquerda o ônus de desenvolver e explicar “as finuras desta nova causa emancipatória: diferentes, mas iguais”⁹.

Depois de situar a origem histórica da defesa das diferenças nas hostes do pensamento de direita, Pierucci vai ilustrar a primeira das ciladas para aqueles que, inseridos nas hostes esquerdistas, deixarem se seduzir pelas diferenças. E o perigo é simples: acreditar que a causa das diferenças suplanta e supera a bandeira universalista da igualdade. Para isso lança mão do caso Sears que resumo a seguir, de acordo com sua apresentação disposta no texto.

Em 1979, a Comissão de Oportunidades Iguais no Emprego (sigla EEOC em inglês), órgão do governo americano da época (democrata sob a liderança de Jimmy Carter) moveu contra a Sears Roebuck and Company, maior empresa varejista e maior empregadora de mulheres nos EUA naquele momento, um processo criminal por discriminação sexual em sua política de contratação de mão-de-obra para as seções mais bem remuneradas, como as de seções de vendas por comissão, que, segundo a política de recrutamento da empresa, deveria empregar neste tipo de setor pessoas com disposição mais individualista e competitiva, isto é, homens. Durante o julgamento (ocorrido entre 1984 e 1985) duas historiadoras apareciam como testemunhas de acusação e defesa. Ambas conheciam a história do movimento feminista. Uma delas, Alice Kessler-Harris (acusação), defendia a ideia segundo a qual “quando os empregadores lhes dão oportunidade, as mulheres costumam assumir empregos não femininos” para rebater a defensora da Sears, Rosalind

⁷ Ibid., pp. 26-27, grifos originais.

⁸ Ibid., p.28.

⁹ Ibid., pp.31-32.

Rosenberg, que argumentava serem historicamente diferentes os interesses dos homens e os das mulheres, justificando assim o recrutamento diferenciado para cargos em que se exigiam orientações mais individualistas e agressivas, como era o caso para a seção de vendas por comissão. Harris dizia que a ausência de mulheres nos empregos vistos como não femininos era resultante das atitudes e preferências dos empregadores, caracterizando assim a discriminação. A defesa desde o início assumiu o ponto de vista das diferenças, ou seja, buscou argumentar que a oferta de empregos para homens ou mulheres, exclusivamente, era o resultado de adequá-los a propensões e tendências naturais a cada sexo. Ademais, Rosenberg apresentou ao júri livro da historiadora Harris, publicado dois anos antes, na qual a própria assumia como fato a diferença cultural entre homens e mulheres. A atitude da defesa foi apontar como contradição o que dizia a acusadora em seu testemunho e o que ela mesma afirmava em sua obra recentemente publicada. A estratégia foi bem sucedida e a defesa saiu vencedora no julgamento da ação.

Comentando o caso, Pierucci formula uma pergunta e sugere uma resposta na qual a primeira cilada da diferença se materializa no artigo:

Que alternativa teria então uma historiadora feminista, partidária da *diferença* como conceito orientador de suas pesquisas acadêmicas, numa situação em que se tratava de defender oportunidades *iguais* de emprego para ambos os sexos e incriminar uma grande empresa por *discriminação*? [...] O caminho mais seguro para o movimento das mulheres ainda é o da *igualdade*. Eu, pelo menos por enquanto, tendo sinceramente a concordar com este ponto de vista.¹⁰

A primeira grande cilada da diferença, portanto, diz respeito ao abandono do igualitarismo ou da igualdade como bandeira na defesa dos grupos discriminados, pois a defesa das diferenças joga água no moinho do pensamento conservador que sempre navega melhor no campo da argumentação diferencialista.

Este mesmo ponto de vista é sustentado e defendido nos dois artigos que vêm a seguir. No primeiro deles, intitulado “As bases sociais da direita: seus medos, seu dedo”, encontramos o seguinte lamento:

“Já há algum tempo o ideal igualitário vem sendo declarado por diversas esquerdas, enfaticamente pela nova esquerda, sem validade para a esfera cultural.”¹¹

Ambos se baseiam na pesquisa coordenada pelo sociólogo em meados da década de 1980, orientada para dilucidar o pensamento político da direita paulistana, notadamente aqueles que votavam convictamente em Paulo Maluf e

¹⁰ Ibid., pp. 45-46, grifos no original.

¹¹ Ibid., p.71.

Jânio Quadros. Baseado em relatos e narrativas destes eleitores (foram mais de uma centena de longos relatos gravados, nos quais os eleitores deixavam claro seu posicionamento político), vários trechos dos mesmos confirmavam de modo claro o fato incontestável segundo o qual a ideia da diferença é insistentemente reivindicada como algo natural para os eleitores conservadores. No segundo deles, intitulado “Linguagens autoritárias, voto popular: um exercício de método”, Pierucci escreve: “eu estava ali, simplesmente ligando o gravador e as pessoas derramando abertamente todo o seu alentado preconceito.”¹²

Tornava-se explícito o preconceito daqueles paulistanos em relação aos nordestinos, vistos como diferentes, agrupados na categoria de “baianos”.

Tudo

começou a decair com a chegada em massa dos nordestinos [baianos]. O bairro que era deles já não é mais inteiramente seu. Os bairros foram, e continuam sendo, literalmente in-va-di-dos. [...] Normalmente um baiano, um nordestino, com toda certeza [é] alguém socialmente inferior a eles, certamente [têm] uma forma inferior de existência.¹³

A tematização da inferioridade para definir a posição social dos nordestinos em São Paulo aflora no bojo da “constatação”, carregada de ansiedade partilhada, de que a qualidade de vida em São Paulo tem-se deteriorado, e isto pelo fato de estar sendo a cidade “tomada” por pessoas de qualidade inferior, que para aqui vêm e aqui ficam e não param de chegar.

Segundo os entrevistados, “o paulista é visivelmente diferente do nordestino. Porquanto o branco é visivelmente, sensivelmente, diferente do negro. Porquanto o homem é visivelmente, sensivelmente, evidentemente diferente da mulher”. Assim, conclui Pierucci, “essa coisa da diferença é de fato algo muito forte quando se trata de inferiorizar o outro.”¹⁴

Admitindo explicitamente seu partidarismo pela igualdade, o autor expressa em tom de confissão:

O lado da igualdade ainda é o lado que reúne todos os partidários da esquerda. Passei grande parte da minha vida sem me dar inteiramente conta desta verdade, que só se formulou assim tão claramente para mim durante essa pesquisa: ser de esquerda é ter aderido de algum modo ao valor da igualdade, é ser partidário do igualitarismo, seja ele em que campo for, seja ele em que

¹² Ibid., p.93.

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid., p.96.

nível for, seja ele em que esfera for. (...) A defesa do igualitarismo ainda é o marco que delimita o vasto campo da esquerda. Bandeiras anti-igualitárias no sentido de defesa explícita da desigualdade econômica e social, dos privilégios de classe, raça, território ou gênero, sejam anti-igualitárias no sentido de impensadamente menosprezarem a igualdade em nome da defesa do charme e da beleza das diferenças, são bandeiras, senão explicitamente de direita, pelo menos perigosamente a um fio da navalha de fazerem o jogo pesado das forças da direita autoritária e antidemocrática, da extrema direita.¹⁵

Os três primeiros artigos que integram o livro compõem a parte I intitulada “A direita e a diferença: o dado empírico”, pois baseiam-se ora num caso, ora numa pesquisa empírica para apresentar a cilada em questão, que é de caráter político, no sentido de que, nos dois cenários apresentados (caso Sears e pesquisa sobre visão de mundo a partir de uma perspectiva política), observa-se que a fundamental ideia de igualdade de direitos saiu derrotada exatamente pela ênfase no diferencialismo enquanto bandeira política.

Talvez as diferenças sejam inelutáveis, incontroláveis, globais...

A Parte II traz no título uma expressão em forma de questão: Amanhã, a diferença? Há uma mudança na abordagem e as ciladas passam para outro registro. A indagação já aponta para algo que vai se explicitando como uma inevitabilidade, pois Pierucci parece aventar a hipótese de que as diferenças vieram para ficar. Se antes o perigo era fazer submergir a ideia da igualdade dado o charme da diferença, agora esse charme parecia estar em vias de se estabelecer com mais vigor. Talvez por isso, o capítulo de abertura desta parte, “Problemas com a igualdade” (título que em si já sugere muita coisa), seja aquele em que se observa o ataque mais frontal às diferenças como bandeira política fundamental dos diversos movimentos sociais de então. Vamos ver como esse ataque se realiza.

Logo no começo, Pierucci apresenta uma nova ideia que ele recolhe da jurista americana Martha Minow:

Mostrar ou esconder? Eis o “dilema da diferença”. [...] Tratar as pessoas diferentemente e, assim fazendo, enfatizar suas diferenças pode muito bem estigmatizá-las (e então barrá-las em matéria de emprego, educação, benefícios e outras oportunidades na sociedade), do mesmo modo que tratar de modo igual os diferentes pode nos deixar insensíveis às suas diferenças, e isto uma

¹⁵ Ibid., p.101.

vez mais termina por estigmatizá-los e, do mesmo modo, barrá-los socialmente num mundo que foi feito apenas a favor de certos grupos e não de outros.¹⁶

O que poderia ser um mote inicial alentador para aqueles que descobriram e se fascinaram com a diferença é visto assim como um dilema e como tal, um problema, afinal, diz ele, “se a igualdade tem problema, a diferença me parece que os tem muito mais”. Isto soa um tanto quanto estranho quando pensamos no título do artigo: “Problemas com a igualdade”. É como se o autor anunciasse a derrota da igualdade no título e tratasse de exorcizá-la, mostrando os perigos muito mais ardilosos da diferença. O que mais se vê aqui é uma defesa aberta da igualdade em relação à bandeira das diferenças.

Pode ser que toda essa sedutora densidade vital das novas mobilizações diferencialistas, que hoje se propagam por um mundo cada vez mais globalizado e midiaticizado, esteja pondo em risco uma das crenças insubstituíveis para a vigência da democracia representativa e para o exercício universal da cidadania: a crença – *que não pode ser senão generalizada* – na necessidade de contarmos todos com elementos racionais-formais de mediação e representação, e por conseguinte, de *abstração* das particularidades e particularismos. Sem isto não só não há cidadania possível, [...] como não há também possibilidade de normas éticas de validade universal.¹⁷

O risco considerável, nitidamente visível desde agora, é o de contribuir para aprofundar justamente a crise do “geral”. É provável que a cultura do fragmento [...] aprofunde e torne mais ainda aguda a “perda de civilidade”. [...] Chegaríamos desse modo a um “estado de natureza” pós-civilização, no qual todo valor geral seria declarado falso, no qual toda pretensão de universalidade efetiva apareceria sem fundamento.¹⁸

O artigo todo é o que se pode considerar um libelo contra as bandeiras diferencialistas. Muitas outras passagens do texto poderiam ser apresentadas para validar essa apreciação, mas, por uma questão de espaço, transcrevo apenas mais este trecho:

Penso que uma política que hoje queira agir sobre as condições de vida reais dos “diferentes” devesse preocupar-se também em reconstruir “o geral” e não se deixar cair presa da essencialização das diferenças com vistas à sua institu-

¹⁶ Ibid., p.106.

¹⁷ Ibid., pp. 108-109, grifos no original.

¹⁸ Ibid., p. 110, grifos no original.

cionalização e canonização que não prometem outra coisa senão pavimentar a avenida e balizar o percurso rumo a um beco sem saída minado de explosivos.¹⁹

Em “A diferença faz diferença, ou: a produtividade social da diferença”, observa-se uma mudança, as ciladas exprimem-se agora em outros registros. Pierucci defende a ideia de que a proliferação das diferenças leva a uma *spiralling diversity*, expressão de Annette Kolodny que ele adota de bom grado para explicar esta nova cilada: “o mergulho na diferença pode nos arrastar traiçoeiramente numa espécie de redemoinho”.²⁰ Porém antes de chegar a isto, o trajeto do artigo é denunciar uma outra maneira de se cair numa nova cilada.

Sempre apoiado na experiência do movimento feminista, desta vez ele vai apontar para um processo no qual se torna impossível parar no ponto certo, tal como pensaram algumas feministas da segunda onda. Se, na primeira onda, o feminismo de modo consequente buscou uma equalização dos direitos entre homens e mulheres, expresso de modo inequívoco no movimento sufragista, na segunda onda, agora diferencialista, Pierucci vai enxergar um impulso fundamental para a teoria feminista, mas não deixa de apontar aí alguns sérios problemas.

Agora as mulheres tinham se autodescoberto. Pensavam em reescrever sua *history*, ou melhor sua *herstory*, “como um dia quiseram etnocentricamente as mais radicais dentre as novas historiadoras anglófonas praticantes da “história das mulheres”²¹.

O enfoque da diferença acabou mostrando seu valor heurístico como produtor de novos conhecimentos sobre o passado das mulheres, sujeitos até então invisíveis da história, protagonistas emudecidas de suas próprias histórias. [As mulheres puderam assim] questionar a prioridade dada até então à “história do homem” em detrimento da “história da mulher” e assim revelar a hierarquia e a discriminação implícita em muitos relatos históricos.²²

Neste movimento puderam desmascarar a sinonímia entre a ideia de humanidade e as características típicas da *manhood*, sempre associadas. Basta pensar na ideia de direitos do Homem, como se este fosse o gênero que representaria a humanidade em si.

¹⁹ Ibid., p.117.

²⁰ Ibid., p.148.

²¹ Ibid., p.125.

²² Ibid., pp.125-126.

O novo discurso do saber feminista, basicamente de língua inglesa [...] vinha para trans-valorar a diferença feminina, para dizer que a Mulher, agora pensada e às vezes escrita com letra maiúscula, tem características específicas diferentes das do Homem, diferentes, mas não inferiores, quiçá superiores, para proclamar que a Mulher passa por experiências vitais extremamente positivas, fortes e fortalecedoras, que lhes são irredutivelmente específicas, próprias e intransferíveis – a maternidade, por exemplo, com sua tríade incomensuravelmente feminina: a gravidez, o parto e o aleitamento. Tudo somado, isso vai dar na construção de uma “cultura feminina” positivamente diferente da “cultura masculina”, que desde os tempos mais remotos foi imposta, até mesmo linguisticamente (daí terem importado o termo gênero da gramática) como padrão universal da humanidade.²³

Pierucci vê neste movimento um risco que se concretizou: o apego a um novo tipo de essencialismo de cunho feminino. É como se os estudos de gênero levado a cabo pelas feministas buscassem a afirmação de uma *sisterhood*, baseada num essencialismo diferencialista “ou melhor, um diferencialismo essencialista aferrado ao irredutível de uma diferença coletiva que no entanto é cultural”²⁴ “Elas tinham caído numa das ciladas da diferença, a saber: a fixação do olhar na diferença pode terminar em fixação essencializante de uma diferença”.²⁵

Mas a afirmação da bandeira diferencialista não perderá por esperar. Como bem afirmaram Benhabib e Cornel, ser negra e ser mulher é ser uma mulher negra, uma mulher cuja identidade é constituída diferentemente da identidade da mulher branca.²⁶ E ele então vai direto ao ponto: “trata-se de um adeus a *sisterhood*. Uma despedida a partir da raça”²⁷. E não faltariam outros:

As diferenças entre mulheres que usam véu [referência ao islamismo], mulheres que usam máscara [...] e mulheres que se ‘fantasiam’ [...] não podem ser entendidas como diferenças sexuais. Outro adeus a *sisterhood*. Desta feita, do ponto de vista das mulheres de diferentes pertencências étnicas, etno-nacionais, nacionais, religiosas, etc. Aqui se invocam diferenças que são alteridades de mundos vitais, de valores culturais e pautas comportamentais, distâncias culturais nem sempre pequenas instaladas no seio da imaginária “irmandade das mulheres” constituída pela diferença de gênero.²⁸

²³ Ibid., pp.127-128.

²⁴ Ibid., p.128.

²⁵ Ibid., p.127.

²⁶ BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Org.). *Feminismo como crítica da modernidade*.

²⁷ Ibid., p.129.

²⁸ Ibid., p.129.

“Falar da *mulher*, dos problemas e interesses da *mulher* e em especial da “mulher enquanto mulher”, da “mulher enquanto tal”, era... *essencialismo*.”²⁹ O essencialismo escondia uma forma de opressão inusitada para aquelas que defendiam as bandeiras do feminismo, pois operava a exclusão, nas análises, da categoria de raça.

Por trás da mulher universal [...] estavam escondidas “as mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais [...], que haviam desde sempre se mostrado insensíveis e indiferentes, não só aos problemas das mulheres de outras raças, culturas e religiões, mas até mesmo à sorte das mulheres brancas de outras classes que não a sua, ou praticantes de uma sexualidade que não a sua.”³⁰

“A propalada figura de uma enorme irmandade feminina não passava, no fim das contas, de uma grande reunião de mulheres da mesma raça, todas brancas.”³¹

A pluralidade de situações e experiências femininas estava a exigir uma perspectiva multifacetada. Quando se quer “contar toda a história”, é preciso ir atrás das interconexões entre os vários sistemas de poder que dão forma às vidas das mulheres. “A legitimidade acadêmica ia-se deslocando para uma poderosa tríade: *gênero, classe e raça*.”³² “Ficava para trás, relegada, seduzida e abandonada, a Mulher Universal.”³³

Resumindo as teses do artigo, Pierucci vê no movimento feminista três estágios: da **igualdade** (1) à **diferença** (2) e desta às **diferenças** (3)³⁴. Sendo que, para ele, o essencialismo que exprime o estágio dois constitui cilada diferente daquela operada pelo rodaminho da “diversidade espiralada” no estágio três.

Há ainda aqui a ideia da igualdade, mas agora a diferença é enfrentada diretamente, ou seja, o problema agora não é mais apenas abandonar a bandeira da igualdade, é também perceber que estar no campo das teses diferencialistas traz perigos típicos deste pantanoso e escorregadio posicionamento. No entanto, é como se o autor percebesse de modo incômodo que as diferenças vieram para ficar.

Vou apenas mencionar o mote principal do último capítulo do livro, intitulado “Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa”, pois ele me parece aquele que menos enfatiza o legado político que o livro busca exprimir. Isto porque, neste sétimo capítulo, Pierucci busca explicitar os equívocos que são comuns no

²⁹ Ibid., p.130, grifos no original.

³⁰ Ibid., p.131.

³¹ Ibid., p.138.

³² Ibid., p.133, grifos no original.

³³ Ibid., p.135.

³⁴ Ibid., p.149, negrito no original.

momento em que analistas, acadêmicos ou não, abordam de forma pouco precisa fenômenos tão diferentes, como, por exemplo, o integrismo, de origem conservadora católica, e o fundamentalismo, da lavra puritana norte-americana, confundindo-os com os levantes e insurreições em países árabes ou não a partir da lei/doutrina/orientação religiosa islâmica. As ciladas da diferença aqui dizem respeito, antes de tudo a uma confusão entre “os nomes e a coisa”.

Por fim, o penúltimo capítulo, “Amanhã, a diferença”, no qual observamos que aquela percepção de que a diferença viera para ficar parece um vaticínio inelutável. Lembro-me bem que neste capítulo fizemos várias discussões e posso afirmar que ao lembrar aquele período, recordo-me das resistências de Pierucci à tese da diferença, mas ao mesmo tempo também de seu fascínio por autores como Homi K. Babha e Edward Said. Além disso, ele tinha começado a ler Gilles Deleuze e Jacques Derrida e em contato com estes pós-estruturalistas suas resistências iam, aos poucos, se diluindo.

O artigo é um registro ambíguo deste movimento claudicante em direção às diferenças. Há ainda aqui lamentos, mas vai se cristalizando a certeza de que as diferenças vieram para ficar.

Na retomada dos trabalhos que os ampliaram e os levaram à forma final publicada, especialmente no que diz respeito a esses artigos/trabalhos, Pierucci discutiu várias de suas teses conosco, o grupo de trabalho composto por nós, alunos, que, naquela altura, estávamos a ele ligados. É o mesmo grupo a que ele agradece na apresentação do livro. De modo muito gentil e afetuoso, ele nos nomeia individualmente e acrescenta: “este livro é mais uma demonstração de que a diferença é produtiva. Faz diferença”.³⁵ Texto este escrito por fim e que quase confirma a ideia de que ele passou a aceitar a ideia de que a diferença faz diferença e ela pode ser muito boa, produtiva, instigante.

Aqui eu relembro várias de nossas discussões e posso garantir que é neste momento que há uma “virada”, um ponto de inflexão do autor em relação ao tratamento dado à questão da diferença. Se antes a diferença era um perigo, “um beco sem saída repleto de explosivos”, em “Amanhã, a diferença” seu engajamento nas bandeiras igualitaristas começam a se transformar em motes estilísticos. Ele abre o texto dizendo que “um espectro ronda a humanidade – o espectro da diferença”.³⁶ (O capítulo busca fazer um balanço da situação de alguns movimentos sociais contemporâneos com destaque para a influência que o charme da diferença exerce sobre eles, operando a desconstrução de certezas intocadas e fazendo emergir novas preocupações e agendas para os mesmos.

³⁵ Ibid., p.9.

³⁶ Ibid., p.150.

Pierucci articula sua argumentação com as teorias que buscavam analisar a situação do processo de globalização e que muitas vezes foram identificadas como pós-modernas, ao mesmo tempo em que apresenta alguns aspectos da então nova teoria pós-colonial que, na época, pousava de forma mais consistente nas hostes acadêmicas tupiniquins.

Vemos aqui como sua adesão às bandeiras igualitaristas começa a ser vista, por ele mesmo, como algo, de certo modo, datado:

Alem da teoria do nation building (da construção do estado-nação) “parecem ter ficado sem maiores atrativos todas as outras teorias e projetos radicalmente universalistas [...] em cuja aura iluminista muitos de nós fomos formados até, pelo menos, os anos 1970.”³⁷

Nos dias de hoje, [...] a aumentada velocidade do fluxo mundial de pessoas e objetos, artefatos e utensílios, moedas e tecnologias, ideias políticas, verdades religiosas, vírus e terapêuticas, remédios, drogas, livros, jornais, revistas, imagens de mídia, estilos e *styling*, estilos de vida, marcas e *griffes*, gostos musicais e culinários, emissões de rádio e TV, vídeos, filmes, clipes, fitas, megaconcertos e shows e *tounées* mundiais, *softwares* e *sites* etc. etc. etc., tem resultado em pluralização e heterogeneização de culturas, subculturas, contraculturas, multiculturas, *altro che* padronização cultural, assimilação, homogeneização ou coisa que o valha.³⁸

Estava cada vez mais clara, para ele, a ideia de que a compressão do tempo-espço, tal como teorizada por Harvey, era o motor de todo esse processo planetário, no qual a diferenciação contínua e ininterrupta ocorria de modo natural e inelutável. Desta feita, a ideia da diferença como o substrato mais usual das bandeiras políticas diversas aparecia como uma consequência quase que inevitável.

Ele assumia que “a diferença cintila”, a diferença fascina. Claro que ela fascina porque atende bem às estratégias de *marketing* e do mercado capitalista, num mundo cada vez mais globalizado, como bem lembravam os autores marxistas (Harvey e Jameson, por exemplo) ou simpáticos a esta abordagem (como penso ser o caso de Bauman e Bourdieu), todos arrolados na análise:

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, manifesta-se também o fascínio pela diferença alimentado pelo *marketing* da alteridade, da etnicidade e da localidade. [...] É justamente o *marketing* de “nichos”, que explora a diferenciação local, um dos modos de efetivação da especialização flexível com que opera a globalização.³⁹

³⁷ Ibid., p.153.

³⁸ Ibid., pp.153-154.

³⁹ Ibid., p.156.

Neste movimento tonitruante, os processos de globalização, ao invés de conduzirem a uma integração que expresse um mundo cosmopolita total, pavimentam o caminho para aquela estrada contemporânea na qual explicitam-se constantes fluxos de hibridação, fragmentação e desterritorialização, onde a diferença impera. Neste momento, uma referência em tom quase que nostálgico dos sonhos igualitários:

Há hoje uma [...] uma rejeição do Homem universal, da igualdade humana genérica, da cidadania cosmopolita e global. Sonho de transcendência hoje abandonado, mas acalentado um dia por muitos de nós, justamente quando ainda não se havia experimentado de modo tão intenso e tão extenso quanto hoje, nem prática nem teoricamente, a paradoxal globalização do mesmo com seus insuspeitados efeitos pluralizantes. Aquilo com que, mente aberta e vistas largas, antes se sonhava, hoje em dia ou se lamenta ou se menospreza. A globalização parece não ser capaz de produzir o triunfo do global, do cosmopolitismo plenamente humano outrora projetado. A globalização des-lo-ca-li-za, desenraiza as “identidades” de indivíduos, grupos sociais, nações e culturas, mas não as globaliza por igual nem por inteiro.⁴⁰

O processo de globalização acarreta ao mesmo tempo um aumento da desigualdade social, mesmo nos países desenvolvidos, agora assolados por ondas migratórias trazendo contingentes populacionais para suas fronteiras, o que implica um movimento de diferencialização contínua que altera a face de nações sólida e historicamente bem constituídas:

A formação de enclaves étnicos minoritários dentro de estados nacionais do Ocidente está levando a uma nova etapa de pluralização supranacional das culturas nacionais e identidades históricas dos países ricos. Com alguns efeitos inesperados. O primeiro deles tem sido a contestação prática dos contornos da identidade nacional, expondo o antigo estoque cultural às pressões cotidianas da “alteridade” intrusa, da diversidade e da mistura de culturas, em suma, da *diferença dentro*. Da parte dos imigrantes vindos do Terceiro Mundo, sua alteridade só se faz fortalecer como *diferença em feixe*: diferença antes de mais nada fenotípica e imediatamente epidérmica, étnica quando não racial, diferença de nacionalidade, diferença de status jurídico e de status social, diferença sócio-econômica de renda e escolaridade, diferença histórica, diferença linguística, diferença religiosa, diferença comportamental e também ética ou moral, diferença de valores, diferença cultural. Numa palavra, diferença total⁴¹.

⁴⁰ Ibid., p.163.

⁴¹ Ibid., p.173, grifos no original.

Pierucci não poderia aqui deixar de se lembrar da contribuição da religião (seu campo de estudos mais bem consolidado) para esse caldo cultural diferencialista:

Isto para não falar da repolitização radical das tradições religiosas monoteístas, nomeadamente o islã xiita, o judaísmo ortodoxo e o protestantismo conservador, coletividades em que o tradicionalismo cultural se reconforta e se revigora nas obscuras águas da ortodoxia religiosa, fundindo fundamentalismos anti-modernos com modernas tendências nacionalistas e imperialistas, cegas paixões políticas nutrindo-se da fé cega em decretos divinos insondáveis, amalgamando num *mix* altamente explosivo sectarismo e fanatismo, intolerância, caça às bruxas, *scapegoating*, anti-semitismo, autoritarismo, patriarcalismo, sexismo, racismo, xenofobia, homofobia, mixofobia, provincianismo, inveja, paranoia, obscurantismo. Contra os diferentes querendo se afirmar, a diabolização da diferença em escala global.⁴²

Nas conclusões do artigo, ele se pergunta: “amanhã, a diferença’ porque a identidade é de ontem e já pertence ao passado?” Apesar de não responder nem sim nem não, pois, como ele escreve, “o futuro a Deus pertence, diz a sabedoria popular”, é significativo que observe que “os tempos pós-coloniais são o ‘tempo da diferença’”.⁴³

E conclui:

O nosso tempo, então, é o tempo da diferença, fazendo seu jogo, o tempo da diferença proliferante. Esse é o “destino do nosso tempo”, como gostava de dizer Max Weber. [...] Por ora, o que sabemos é que a globalização em sua fase atual tem tido um impacto contestador efetivamente pluralizante sobre as antigas identidades sociais essencializadas, seja a do colonizador, seja a do colonizado, produzindo uma variedade de possibilidades sempre novas e uma “multiplicidade de posicionalidades”.⁴⁴

A diferença sempre esteve à espreita e agora ela desabrocha. Somos apenas um momento nessa miríade de movimentos obscuros que nos constituem. Ali, nos idos do final da década de 1990, estávamos nós reunidos em torno dessa pesquisa, em torno desse sociólogo que descobria, de forma relutante, a vertigem sedutora das diferenças. Hoje, quase que por acaso me deparo com a celebração das diferenças na pena de um sociólogo marginal. Só poderia ser marginal, pois a Sociologia consagrada pelas vias abertas por Durkheim tornou-se aquela disciplina

⁴² Ibid., p.175.

⁴³ Ibid., 176.

⁴⁴ Ibid.

que busca mapear os mecanismos da reprodução, das regularidades, do mesmo (daí talvez uma pista para sua incapacidade de acompanhar o ritmo do nosso tempo e de explicar tantas diferenças...). Em Tarde observamos o heterodoxo, o casual, o incidental como aquilo que de fato opera nossas irresistíveis singularidades:

Buscamos por toda parte o fim supremo, o termo absoluto e verdadeiramente para si do qual depende este mundo. Pedimo-lo à ideia da vida, da felicidade, do útil, do dever, do belo. Por toda parte vimos a natureza das coisas, essencialmente heterogênea, resistir a essas harmonias diversas, igualmente heterogêneas, que a dominam por um momento para chegar a heterogeneidades novas e mais radicais que elas não explicam. Por toda parte a ausência de uma medida comum, exceto o máximo de diferença e de mudança, nos revelou a ausência de qualquer outro termo final. Todas as adaptações sucessivamente produzidas, a saúde, a felicidade, a ordem social e moral, o acordo do produto industrial com a necessidade correspondente, e da obra de arte com o gosto, ou do indivíduo com seu meio, nos pareceram ser, como esse indivíduo mesmo, organismo ou eu, apenas pontos de interseção, diferenças ora convergentes, ora divergentes, focos nos quais banalidades combinadas formam um ser original, nos quais qualidades, separadamente suscetíveis de graus e medidas, compõem uma realidade *sui generis*, radiante de realidades imprevistas e maravilhosas. Portanto nos é lícito afirmar que a diferença é a causa e o objetivo, e a harmonia o meio e o efeito, que o progresso é, de certo modo, a crisálida através da qual a mudança aparentemente detida, renuncia a rastejar para aprender a voar. [...] O progresso, em suma, não é senão uma parte da mudança, uma espécie de liberdade, como o prazer não é senão uma espécie de sensação. [...] O progresso é essencialmente renovador, toda harmonia é perturbadora ou ao menos agitadora, toda ordem é liberadora, e toda superioridade, beleza ou gênio não é senão fecundidade. “O gênio”, dizia Goethe a Eckermann “é a fecundidade.”⁴⁵

As diferenças estão a nos constituir, a nos transformar: ainda que operem nesse movimento misterioso que é o tempo, essa ficção que se revela fatal e ilusória. Tempo que revela a nossa impermanência, signo do nosso fluir constante com ele, origem das diferenças, das nossas diferenças do ontem, do hoje e do amanhã. O tempo, que é a afirmação do existir e a experiência de nossa passagem por este sonho ou miragem que chamamos de vida. Tempo que corre no sono, no deserto ou no porão. Somos todos constituídos de tempo, deste misterioso fluir e, neste movimento, encerro este artigo, saudoso das conversas, das brincadeiras e da presença sempre diferente e instigadora do Flávio.

⁴⁵ Ibid.

*Que trama é esta do será, do é e do foi?
Que rio é este pelo qual flui o Ganges?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sono, no deserto, no porão.
O rio me arrebatou e sou esse rio.
De matéria corrosível fui feito, de misterioso tempo.
Talvez o manancial esteja em mim.
Talvez de minha sombra,
Fatais e ilusórios, surjam os dias.*

“Heráclito”, de Jorge Luis Borges.

Referências bibliográficas

- BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Org.). *Feminismo como crítica da modernidade: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *As ciladas da diferença*. São Paulo: Ed.34, 1999.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac e Naif, 2007.

Recebido: 30/06/2013

Aprovado: 13/08/2013